

**VIDA, OBRA E LEGADO DE ENRIQUE DUSSEL:  
ENTREVISTA COM JORGE ZUÑIGA<sup>1</sup>**

Jorge Zúñiga<sup>2</sup>

Karla Emanuele Rodrigues Oliveira<sup>3</sup>

Lucas Machado Fagundes<sup>4</sup>

Nathalia Damasceno Victoriano<sup>5</sup>

Samantha Dantas de França<sup>6</sup>

**[RCJ – Revista Culturas Jurídicas]**

Enrique Dussel viveu e estudou em diferentes lugares, o que lhe permitiu entrar em contato com diferentes culturas e com visões de mundo. Em sua opinião, como essa experiência influenciou sua formação intelectual e sua produção acadêmica?

**[JZ - Jorge Zúñiga]**

De início, Samanta, Nathália, é um prazer estar nesta entrevista com vocês. E também, como eu estava dizendo, eu acho que essa entrevista é muito oportuna, principalmente porque a filosofia do Enrique Dussel, assim como muitos dos trabalhos de pesquisa sobre a história da América Latina que ele produziu, tiveram uma repercussão importante no Brasil. Então, me

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada no dia 19 de fevereiro de 2024, através da vídeoconferência, com registro a ser disponibilizado no original, em espanhol, no perfil da Revista Culturas Jurídicas nas redes sociais e outras plataformas na internet.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade de Frankfurt, Alemanha. Integrante do *Sistema Nacional de Investigadores* (SNI) do México. Na UNAM – *Universidad Nacional Autónoma de México*, onde é docente, coordenou cursos coletivos sobre teoria crítica de Frankfurt e latino-americana com a participação de seus expoentes mais representativos. Com Enrique Dussel, dirigiu o seminário de pós-graduação «Filosofía Política: crítica y deconstrucción del orden político» de 2017 a 2019. É autor do livro *Enrique Dussel. Retratos de una filosofía de la liberación* (Barcelona, 2022). E-mail: [jorge.zuniga@comunidad.unam.mx](mailto:jorge.zuniga@comunidad.unam.mx). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8850-4247>.

<sup>3</sup> Mestranda pelo PPGDC/UFF; editora-assistente da Revista Culturas Jurídicas; E-mail: [karlao@id.uff.br](mailto:karlao@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1197-0828>.

<sup>4</sup> Pós-doutor em Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2018). Doutor (2015) e Mestre (2011) em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professor e pesquisador do Mestrado em Direitos Humanos no Mestrado em Direitos Humanos da *Universidad Autónoma de San Luis de Potosí* (UASLP), México. Professor Convidado no Mestrado em Direito da *Universidad Cooperativa de Colombia*. Pesquisador GT-Clasco (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0017-8100>. E-mail: [lucas-sul@hotmail.com](mailto:lucas-sul@hotmail.com).

<sup>5</sup> Mestranda pelo PPGDC/UFF; editora-assistente da Revista Culturas Jurídicas; E-mail: [ndamasceno@id.uff.br](mailto:ndamasceno@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9748-830X>.

<sup>6</sup> Mestranda pelo PPGDC/UFF; editora-assistente da Revista Culturas Jurídicas; E-mail: [samanthadantas@id.uff.br](mailto:samanthadantas@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1750-4982>.

parece que essa entrevista é mais do que oportuna. Então, me parece que a filosofia da libertação é, sem dúvida, está muito ligada a várias teorias e escolas de pensamento que surgiram no Brasil, então me parece muito pertinente. Reitero, acho que esta entrevista é muito oportuna e fico feliz que vocês tenham se interessado em falar sobre essas questões.

Bem, nesse livro [Enrique Dussel, retatos de uma filosofia da libertação] que acabou de sair há mais ou menos um ano, em 2022, eu o escrevi e com um epílogo que inclui Enrique Dussel, um epílogo inédito, que incluímos neste livro, que Dussel inclui nesta edição, está aqui. Na verdade, os primeiros capítulos com os quais eu começo o livro para apresentar ao leitor o pensamento de Enrique Dussel é a sua viagem à Europa e ao Oriente Médio. E respondendo à sua pergunta, Enrique Dussel tem contato com a Europa, porque é lá que ele vai estudar, na Espanha, em Madrid, mas também no Oriente Médio. Enrique Dussel viveu em Israel, em Jerusalém e, de certa forma, além de se reconhecer como latino-americano na Europa, teve acesso a outra cultura que vai além da cultura ocidental moderna.

E, nesse caso, a cultura semita, aquela com a qual ele tem contato, aquela pela qual ele se interessa, e inclusive ele morou por um período de cerca de dois anos em Jerusalém. Então ele também conhece a cultura semita, os palestinos etc. Por isso que ele sempre defendeu os seus amigos palestinos. E, evidentemente isso lhe permite ter contato direto com essas outras culturas, ele como latino-americano e depois com a cultura semita, bem, o que ele está fazendo é mostrar outra maneira de fazer filosofia, outra forma de desenvolver teses que podem ajudar para pensar em outra forma de ser além do ocidental e do moderno. Ademais, considerar que Dussel nos anos 1960, quando ele estava na Europa e depois no Oriente Médio, estava o período pós-guerra da Segunda Guerra Mundial, onde justamente na Europa Ocidental se viveu uma das experiências históricas mais atroz que se poderia viver, como o nazismo. O fascismo alemão também na Itália, por exemplo, então viemos desses governos racistas, desses governos autoritários e ainda é muito recente essa experiência. Então de certa forma, Dussel pertence a uma geração de intelectuais que acha que os recursos oferecidos pelo Ocidente não nos permitem mais viver como uma comunidade. Por essa razão, para Dussel o comunitário é importante e ele o encontra precisamente na cultura semita, embora não exclusivamente, mas é, sem dúvida, uma experiência que ele viveu por dois anos. Essa é uma experiência que oferece a ele uma perspectiva diferente da ocidental moderna, e justamente por se lembrar dessa experiência que Dussel tem. Não é por acaso que uma das primeiras obras de Enrique Dussel que ele produz, chama-se “Humanismo helênico e humanismo semita”. O que exatamente mostra Enrique Dussel é o Ocidente e a modernidade se embasa muito no milagre grego, nos

gregos. Os gregos são assim, aquele símbolo de esplendor, de racionais, de civilizados. E justamente o que Enrique Dussel mostra é há outro humanismo, esse é o humanismo helênico, onde também há uma crítica aos gregos, os gregos antigos. E é justamente contra isso que Enrique contrapõe o humanismo semita. E aqui, o que Enrique Dussel mostra é que temos de falar sobre o humanismo semita para mostrar outra forma de ser, sobre a Modernidade ocidental. Então, bem, acho que esse é um dos exemplos, como poderíamos dizer, de como o contato com essas outras culturas e visões de mundo tem um impacto, por um lado, na formação intelectual de Dussel e, por outro lado, em sua produção acadêmica, e como estou mostrando aqui que um dos dois primeiros trabalhos de Enrique Dussel ou, digamos, de Dussel quando ele era muito jovem, na casa dos 30 anos, foi o humanismo helênico e o humanismo semita.

Isso, como eu disse. Bem, eu começo a levantar isso neste livro [Enrique Dussel, “Retratos de uma filosofia da libertação”] e, precisamente, isso vai abrir na formação de Enrique Dussel outra maneira de ver a filosofia e a própria história. É por isso que Dussel vai contra a história, o relato clássico tradicional da história eurocêntrica. E ele começa a ver a história, a história mundial, mas a partir do que hoje chamamos de Sul. O Sul Global começa a vê-la a partir do Oriente Médio, da América Latina e, mais tarde, da África, do Oriente com a China, a cultura chinesa, por exemplo, lhe interessar a Dussel. Então, justamente por isso, agora que ele é conhecido como um filósofo do Sul Global se deve a ter sido um dos iniciadores. Ele não foi o único. Houve uma geração. Mas ele é um dos iniciadores da visão da história a partir do Sul Global. Então, além disso, não apenas história, mas também filosofia ou teoria social. Por exemplo, quando o neoliberalismo se tornou moda, porque havia derrotado o capitalismo, todos queriam destruir a teoria da dependência, que é uma teoria socioeconômica do Brasil. E Dussel, junto com Hinkelammert e muitos outros, defendiam a validade das teses da teoria da dependência. Em outras palavras, o que eu quero exemplificar é que Dussel estava fazendo a Filosofia e teoria do Sul Global, mas não apenas da história, mas também da teoria política, da filosofia política, da ética etc. Por exemplo, exatamente duas obras importantes sobre história. Por um lado, em ordem cronológica, esse enorme trabalho editado por Enrique Dussel com Eduardo Mendieta e Carmen Bojórquez [“El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y ‘latino’ (1300-2000) - Historia, Corrientes, Temas, Filósofos”], uma colega venezuelano e um colega colombiano que vive nos Estados Unidos há muito tempo, desde que era muito jovem, Eduardo Mendieta.

Este, publicado em 2009, é um esforço importante porque o que Dussel faz é mostrar todo esse pensamento filosófico, essa rica história que existe na América Latina e que sempre

esteve oculta pelas narrativas tradicionais da Modernidade, ou melhor, eurocêntricas. E falo isso porque é uma obra coletiva de mais de mil ou 1100 páginas, escrita por muitos autores, todos especialistas no assunto, e é uma grande obra coletiva, e por isso que estou falando dela. Um fato interessante para os colegas do Brasil. Eu estava fazendo meu doutorado e, para um projeto que eu tinha, eu cheguei a um contato próximo de Theotônio dos Santos e pedi a ele uma entrevista. Por volta de 2012 ou 2013 em uma troca de e-mails, ele me disse: "Claro, Jorge, vou lhe dar a entrevista, porque você também escreveu duas grandes obras em um livro chamado 'El pensamiento filosófico latinoamericano'".

Foi uma grande surpresa para mim o fato de [Theotônio] dos Santos ter lido os dois trabalhos que publiquei aqui, que é precisamente o trabalho sobre a filosofia da pedagogia latino-americana e o trabalho sobre a filosofia da libertação. Depois, tive o grande prazer e a oportunidade de escrevê-lo com outros três colegas. Portanto, foi uma surpresa para mim. Depois disso, o projeto não pôde ser levado adiante. Eu estava muito ocupado com meu doutorado, mas foi uma surpresa o fato de Theotônio dos Santos saber sobre os dois artigos que eu havia escrito aqui. É uma pena que, bem, os grandes nomes às vezes nos deixam. E bem, voltando ao assunto. Finalmente, temos "Política de Libertação, história mundial e crítica", que é a história da política vista do Sul Global. Então, aqui, vamos encontrar críticas sérias a [Georg Wilhelm Friedrich] Hegel, a Max Weber, à justificativa de Ginés de Sepúlveda para a conquista dos índios etc. Bem, Enrique Dussel tem uma oferta muito rica aqui.

Então esses outros, esse contato com outras culturas se traduz em Dussel e na sua produção, produção teórica justamente nesse tipo de trabalho, e por essa razão. Dussel, para esses trabalhos que ele está mostrando, me parece mais pela história, é que ele se posiciona ao longo do tempo como um dos referenciais do pensamento decolonial, porque Dussel oferece muitos elementos para se pensar em uma descolonização da história. Como eu disse, ele não é o único, nem é o único a fazer isso, mas ele é uma dessas grandes colunas importantes que, que eu sei que estão sendo retomadas por esses colegas que, elaborando conceitualmente, teoricamente, o que hoje conhecemos como filosofia ou pensamento decolonial.

[RCJ]

E como a obra de Dussel reflete sua trajetória política? Seu contato pessoal com ele foi capaz de revelar algum aspecto ou aspectos de suas posições e ações? Quais foram eles?

[JZ]

Bem, na verdade, essa é uma pergunta que nos levaria uma semana inteira para responder. Mas, na verdade, há, sem dúvida, uma congruência completa entre a teoria de Dussel e a sua trajetória política. E sua trajetória política que Dussel teve como tal, se por trajetória política estivermos pensando em uma ligação com as instituições, uma certa militância, uma convicção de um projeto, se destaca quando ele foi o Secretário de Formação Política do partido, do *Movimiento de Regeneración Nacional* (Movimento de Regeneração Nacional) durante os últimos anos de sua vida. Isso, também é abordado aqui no último capítulo desse livro [Enrique Dussel, *retatos de uma filosofia da libertação*], não sei por que tenho a sensação de que já leram o livro, porque muitas perguntas vêm daqui, mas precisamente, o livro em que abordo isso, essa relação chama-se de teoria da práxis, companheiro Dussel. E eu o chamo de companheiro Dussel, porque muitos companheiros de esquerda se referiam a Dussel como companheiro Dussel. Outros, por exemplo, o chamavam de Doutor Dussel. Então, dependendo de como cada um gostava de se relacionar com o Dr. Enrique Dussel, eles o chamavam assim companheiro Dussel, o que é correto. Quero dizer, em um partido político você está com camaradas. Portanto, independentemente de serem grandes eminências teóricas e intelectuais, eles continuam sendo companheiros. Então, acho que essa é uma das coisas interessantes em um partido político, e é por isso que o chamo de companheiro Dussel. Em outras palavras, ele não é mais o grande intelectual, mas o companheiro de luta.

Portanto, vejo aqui, por exemplo, algo muito congruente entre a teoria de Enrique Dussel e sua ação política. Como eu estava dizendo, ele teve duas grandes responsabilidades públicas e políticas; uma como reitor da *Universidad Autónoma de la Ciudad de México* (UACM), onde ele entrou justamente como uma espécie de ponte para gerar estabilidade em uma situação de conflito e greve naquela universidade, ele só durou um ano, porque ele disse isso. Ele disse: "Eu não vim aqui para ficar, eu vim aqui para poder contribuir com minha posição para que um conflito possa ser resolvido". Então, é por isso que o Dussel foi um fator importante para dar estabilidade a essa universidade naquela época; e sua segunda grande responsabilidade, agora mais notória, mais um projeto, foi na formação política do Movimento de Regeneração Nacional, onde esteve por mais de dois anos e meio, como secretário nacional, e deixou de ser secretário nacional porque houve uma renovação da liderança.

Nesse contexto, eu percebi muitas coisas sobre a teoria de Enrique Dussel, por exemplo, a insistência de Enrique Dussel de que a política deveria assumir princípios éticos. Para Dussel, a política não pode ser compreendida se ela não estiver baseada em princípios éticos que constituem o campo político. Então, ele explicou isso muito bem nas 20 teses sobre política. E

eu voltou a isso novamente no que conhecemos como Arquitônica [subtítulo do segundo volume da Política da Libertação], em vários trabalhos e precisamente em muitos dos trabalhos que fizemos sobre formação política, eu digo fizemos, porque eu estava muito próximo do Dr. Enrique Dussel nessa tarefa, pois se baseava precisamente nessa política normativa, como eu a chamaria, que é uma política que subsume princípios éticos.

Agora, por exemplo, poderíamos dizer.

Para Dussel, por exemplo como ele entra em um partido político? Bom, porque não é um partido político qualquer, é um partido político que propõe a transformação do país, do México, não é um partido que quer administrar o caos, é um partido que tem um projeto de transformação. Como já houve projetos de partidos políticos desse tipo em toda a América Latina, foi assim. Foi o MÁS com Evo Morales na Bolívia, foi o PT [Partido dos Trabalhadores] com Lula, esse no Brasil, o companheiro Rafael Correa também no Equador, enfim, em todos... Hugo Chávez na Venezuela. Em outras palavras, esses movimentos sociais e partidos políticos existiram em toda a América Latina e, precisamente agora, no México, há esse, esse partido de esquerda muito forte, que não é um partido qualquer, como eu estava dizendo, mas é um partido que aspira, que tem aspirações de transformação no país. Portanto, Dussel não se filia a um partido qualquer, não se filia a um cargo burocrático, por assim dizer.

Dussel entra no espaço onde ele, precisamente por sua posição, poderia contribuir para a transformação da dominação no México, da dominação neoliberal no México. Então é por isso que Dussel. Ele decide participar de uma eleição Porque o Dussel foi eleito por um congresso e o congresso o elege... Bem, exatamente isso. É mais, mais do que compreensível que Dussel quisesse fazer parte desse partido político, porque é justamente um espaço em que a ação transformadora do México é impulsionada politicamente a ação transformativa no México.

Então, na verdade, quando me perguntam, a pergunta é muito boa. Quais são as posições que se podem revelar, dentro de sua práxis política a partir da teoria? É claro, acho que há muitas delas, e precisamente, algumas delas... Eu comentei sobre elas em outros trabalhos. Em novo ensaio que será publicado em breve, no qual abordarei exatamente essa parte da política na visão de Dussel. No momento, só mostrei alguns deles. Não são muitos. Como eu estava dizendo. Posso fazer um seminário de um semestre inteiro. Apenas respondendo a essa pergunta para não deixá-la no ar. Eu poderia dizer que sua insistência em formar uma militância de esquerda a partir de uma política normativa. O que isso significa? Uma política que subsume princípios éticos. Um segundo ponto seria, por exemplo, sua

insistência na segunda emancipação da América Latina. Isso também é importante. Quando Dussel, nesse livro que estamos discutindo aqui, estava citando a política de libertação, ele já estava falando sobre a segunda emancipação. Mais tarde, de uma forma mais clara, ele vai falar até da segunda emancipação, a da América Latina, que é justamente a que [José Carlos] Mariátegui estava se referindo, no volume três da política de libertação. Como a necessidade de uma segunda emancipação na América Latina, e ele sempre defendeu isso.

Bem, precisamente aqui no México, o presidente Andrés Manuel López Obrador, quando Dussel era secretário, chegou a falar uma crítica à OEA [Organização dos Estados Americanos]. Uma crítica muito forte. E Enrique Dussel disse, é claro, é a segunda emancipação. A segunda emancipação é nos emancipamos dos Estados Unidos. O império, disse ele, nós o temos na fronteira. Nós, mexicanos, temos o império na fronteira norte. Então, por exemplo, tivemos um seminário coordenado por José Gándarilla sobre a crítica da OEA. Já era uma questão de geopolítica. Então, foi justamente aí que nós pudemos ver essa outra congruência entre a teoria dele, o que ele defendia, com a ação política. Em outras palavras, era sobre... Basicamente, acho que Andrés Manuel López Obrador, falando sobre o caso mexicano, é claro, também podemos falar sobre o caso latino-americano ou estender o argumento para o caso latino-americano. Mas, podemos dizer que Enrique Dussel e Andrés Manuel López Obrador são dois lados da mesma moeda.

Um a partir da ação política institucional do governo do Estado e da transformação do Estado, evidentemente. E o outro de uma posição teórica, filosófica. Essa tem repercussão não só na filosofia, mas Dussel, eu acho que se ele é conhecido por alguma coisa é pela repercussão dele em outros estudos em outras disciplinas como estudos culturais, sociologia, economia, ciência política etc. Então, eu acho, me parece que há uma grande afinidade entre essas duas posições, uma política e a outra teórica.

Ambos [López Obrador e Dussel] se conheciam. Quando ele morreu [Enrique Dussel]. Bem, o presidente Andrés Manuel López Obrador falou sobre Enrique Dussel e deu uma coletiva de imprensa, que ele costuma dar todos os dias, na qual ele dá os pêsames à família e aos amigos. E, coincidentemente, nesse contexto de que estamos falando agora, entre Dussel e a 4ª transformação no México e o presidente. O presidente Andrés Manuel López Obrador acaba de publicar um livro chamado “Gracias”, no qual ele fala exatamente sobre como foi todo o seu trabalho no governo, mas também de sua militância política, de esquerda etc. É um livro muito grande, com mais de 400 páginas, mas na página trezentos e vinte um o presidente Andrés Manuel López Obrador fala sobre Enrique Dussel. Ele fala sobre Enrique Dussel diz

literalmente ... Vou citar literalmente. A citação é assim. “Encerro este tópico com uma reflexão política na qual concordo com o que o filósofo Enrique Dussel sobre a dissolução da liderança. Um líder não deve abandonar sua responsabilidade enquanto seus seguidores não alcançarem o exercício pleno de seu poder participativo. Mas, uma vez atingido esse estágio, o líder deve ser consistente e se apagar. É claro. Os oponentes não precisavam decidir sobre minha aposentadoria. Era uma questão para o povo. E esse detentor legítimo do poder determina o momento de dissolução de uma liderança. Nesse contexto. Isso define minha participação em Morena [Partido Político do atual presidente mexicano]. Continuarei a servir. Criei e tenho a firme determinação de ser útil, mas meu desejo é que nossa organização se consolide com valores morais, práticas democráticas e bons líderes, e então chegará o dia em que minha liderança deverá ser dispensada”.

Ou seja, de certa forma, o Andrés, o presidente Andrés Manuel conhecia o que o Enrique Dussel escreveu sobre liderança, há um texto muito clássico sobre o assunto que está publicado aqui na “Carta de los Indignados”, em que ele fala justamente sobre liderança. E Enrique Dussel sobre liderança democrática e, provavelmente, além das 20 teses, é esse livro no qual, o Presidente também está se referindo explicitamente. Poderíamos discutir o quanto ele aplicou ou não. Ou ele está entendendo isso? Isso é discutível, mas sim, sim. Como especialista na filosofia de Enrique Dussel, está claro para mim que sim, e como conhecedor e participante dos quatro “T” [quarta transformação, movimento político mexicano relacionamento ao atual governo]. No México, está claro para mim que o presidente está se referindo explicitamente, como ele mesmo menciona, à filosofia política de Enrique Dussel nesse aspecto.

**[RCJ]**

A próxima pergunta fala exatamente do que o senhor mencionou. Como você analisa a divulgação da obra de Dussel em América Latina e a sua recepção no Brasil (no direito, na filosofia e nas ciências sociais em geral)?

**[JZ]**

Como eu estava dizendo, Enrique Dussel realmente ultrapassou os limites da filosofia. Porque, por um lado, em nível de... vamos chamar de Educação Popular. Enrique Dussel sempre esteve interessado em trazer a filosofia política, trazer uma defesa de uma política normativa, fundamentadas desde a filosofia a Grupos políticos e sociais que não eram



acadêmicos. Por exemplo, especificamente estava interessado em quadros políticos jovens. Por exemplo, esse livro das “20 teses sobre política” é muito conhecido, é o resultado de uma oficina de treinamento político de 20 sessões para o então partido de esquerda. Essa foi dada por Enrique Dussel a militantes de esquerda. E no mesmo livro ele diz, os jovens precisam saber que há outra maneira de fazer política. Além da tradicional e clássica que é conhecida. Ou que é defendida, institucionalizada. Que é essa visão que reduz a política ao estratégico. Então, Enrique Dussel... Bem, ele sempre esteve interessado nisso e é por isso que Dussel foi além, me parece, quando teve algum sucesso. E depois, anos mais tarde, quando ele foi Secretário de Formação Política, ele continuou com o que ele tinha já feito.

Estou lhe dizendo que ele fez esse *Workshop* em 2005 e as 20 teses foram publicadas em 2006. E algum tempo depois, obviamente, quando ele se tornou Secretário de Treinamento Político, ele continuou com esse esforço que já havia iniciado. Então, de alguma forma, e porque foi bem-sucedido, porque foi, quero dizer, também foi algo importante. A política que Enrique Dussel defende é uma política que faz sentido para as pessoas. Especialmente para os militantes. Há uma interpelação. Entre a filosofia de Enrique Dussel e a militância da esquerda. Ele não fez isso apenas no México. Também, por exemplo, antes de Morena se tornar o governo, desde 2002, Enrique Dussel participava regularmente, todos os anos, do Fórum de Porto Alegre [Fórum Social Mundial], onde se reuniam, organizações de esquerda, movimentos sociais, também, colegas de diferentes disciplinas em Porto Alegre.

Dussel também ia lá todo ano. De fato, lembro-me de quando Enrique Dussel disse: "Posso parar de ir a Harvard, mas tenho de ir ao Fórum Porto Alegre!". Então, porque o Fórum Porto Alegre era de suma importância e era justamente onde o Dussel tinha contato com esses movimentos de emancipação, de crítica ao sistema de dominação neoliberal na América Latina, lá no fórum. Então Dussel sempre teve esse contato com a militância de esquerda. Por outro lado, o que eu estou fazendo é explicar por que o Dussel vai além da filosofia, extrapola os limites da academia e da filosofia. Esse é um dos motivos. O outro motivo é que, bem, ele tem seu trabalho uma repercussão importante na sociologia, nos estudos culturais, na ciência política, na economia, é claro, também acima de tudo, suas interpretações, sobre Marx, seus quatro volumes.

Sobre Marx, na verdade, aqui [Enrique Dussel, “Retratos de uma filosofia da libertação”] eu menciono que havia três, um pouco para fins explicativos. Mas, são esses. Dussel escreveu quatro volumes sobre Marx especificamente. Finalmente, os quatro volumes que ele escreve sobre Marx são esses. Ainda que consideremos seu livro *Ética comunitária*, na

verdade são cinco. Eu me lembrei. Há cinco volumes que, em minha interpretação de Dussel, ele escreve sobre Marx. Eu sempre disse que havia três volumes sobre Marx. Então eu disse: bem, há quatro com este. Com *Las metáforas teológicas de Marx* (1993). Eles também escrevem isso. Mas minha interpretação e o que eu defendo um pouco. Ampliando o que explico em meu livro sobre Dussel (*Enrique Dussel. Retratos de una filosofía de la liberación*, Barcelona: 2022), é essa *Ética comunitaria* também. Ele pode ser considerado um volume sobre Marx. Ou seja, Dussel estava escrevendo, estudando Marx, quando escreveu a ética comunitarista.

Se quisermos conhecer o Marx de Dussel, a interpretação mais importante de Dussel me parece ser esses cinco volumes que são a *Produção teórica de Marx. Um comentário sobre o Grundrisse*. Depois veio a *Ética comunitária*. Depois veio um *Marx desconhecido, um comentário sobre os manuscritos de 1861-1863*. Então o quarto seria o *Último Marx. E a liberação da América Latina*. E, finalmente, no início dos anos 90, *Las Metáforas Teológicas de Marx* [– *Obras selectas*], livro que foi publicado mais tarde no México, porque a [editora] Siglo XXI já havia publicado os anteriores. Que eram esses, esses três são da Siglo XXI e como esta editora estava defendendo uma forma muito ortodoxa de marxismo, ela não quis publicar “Las metáforas teológicas de Marx”. E quando eles percebem que Dussel realmente tem um impacto importante, eles dizem “Ah! você tem que publicar as metáforas teológicas!”. Então é por isso que, em uma edição muito recente, As Metáforas Teológicas foram publicadas pela Siglo XXI em 2017 e, antes disso, dez anos atrás, [o livro] “As metáforas teológicas” foram publicadas pela editora El Perro y la Rana na Venezuela, em Caracas, e dez anos depois, com um novo prólogo, foi publicado pela Siglo XXI. Então, isso é como o que é conhecido, que é onde está o Marx de Dussel, e em minha interpretação eu acrescento que é necessário acrescentar a essa interpretação de Marx a ética comunitária.

Apenas para encerrar o amplo comentário sobre Marx, precisamente por causa dessa interpretação que Dussel tem de Marx, que há pelo menos quatro volumes, cinco, em outras palavras, ética comunitária, pelo menos quatro volumes sobre Marx que refletem um pouco mais de dez anos de intenso estudo de Dussel sobre a crítica à economia política de Marx. E esse é um exemplo para mostrar por que Dussel inclusive tem influência na teoria econômica, na economia latino-americana. Estudos econômicos latino-americanos. Por quê? Porque de alguma forma se interessa nessa interpretação de Marx. De fato. Para encerrar o comentário. Dussel. Ele é muito conhecido na Itália por sua interpretação de Marx na Itália. Dussel é mais conhecido por sua interpretação de Marx do que mesmo pela filosofia da libertação. Portanto.

Isso quer dizer. A influência que Dussel tem sobre os diferentes estudos que não são propriamente filosóficos, é importante e eu certamente acho que Enrique Dussel, junto com Aníbal Quijano, Teothonio dos Santos, Franz Hinkelammert e muitos outros que eu posso citar, muitos outros. Quero dizer, não, não quero fechar a lista, há muitos, sem dúvida, pilares intelectuais fundamentais de nossa América Latina.

**[RCJ]**

Enrique Dussel tentou desenvolver uma filosofia política baseada nas especificidades históricas da América Latina. Em sua opinião, o legado teórico e político de Dussel o coloca no panteão de pensadores que fundaram o seu pensamento, como Karl Marx, [José Carlos] Mariátegui e [Antonio] Gramsci?

**[JZ]**

Eu não faria isso. Eu não o colocaria no panteão dos pensadores. Penso exatamente assim. Marx, Mariátegui, Gramsci, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, qualquer um, quem você quiser dos grandes, eles estão mais vivos do que nunca, ou seja, eles se adiantaram a nós. Este aqui muito em nossa tristeza. Na verdade, é inevitável ficar triste com a perda dessas grandes figuras e principalmente quando se convive com elas e se tem amizade com elas. Então é muito forte e é por isso que eu digo que eles foram na nossa frente, E nos deixaram tristes. No entanto, eles estão mais vivos do que nunca. Quero dizer, desde os anos 80 houve um ressurgimento da teoria política desde Gramsci. Mariátegui, nesses últimos anos. Mariátegui, nos últimos dez, 15 anos, tem sido muito discutido. Mariátegui, Marx nunca vai desaparecer, ele nunca vai desaparecer de nossos pensamentos.

Não, de forma alguma. Em outras palavras, eu digo que eles são pensadores clássicos do pensamento contemporâneo e que são indispensáveis quando se trata das novas gerações, dos jovens de hoje que querem pensar sobre o mundo atual. Se podemos aprender alguma coisa com essas grandes figuras, é que elas pensaram sobre sua realidade, vamos nos lembrar, não sobre seus ensaios, mas sobre a realidade peruana [caso do Mariátegui]. Em outras palavras, ele [Mariátegui] não está falando sobre a realidade italiana ou alemã, ele estava pensando na realidade peruana, não estava? Mariátegui. Depois Enrique Dussel, a mesma coisa sobre a realidade do México e a realidade da América Latina. Todos esses grandes pensadores pensam na realidade. A realidade em que viveram. E bem, a partir de uma posição crítica, precisamente

se a realidade domina ou é dominante e gera exclusão, bem, temos de investigar por que é exercer uma ação transformadora dessas relações de dominação.

Portanto, em primeiro lugar, eu diria que estão mais vivos do que nunca. Em segundo lugar, eu posso confirmar que você leu meu livro para a entrevista? porque se eu disse alguma coisa nesse livro, é exatamente o que você está dizendo, que Enrique Dussel se coloca junto com Mariátegui, junto com Gramsci, porque ele é dessa escola que não se conforma em investigar teoricamente as negatividades do mundo social que nos toca viver de forma compartilhada, mas eles vão em direção à ação política transformadora para negar essa dominação e nesse caso, é por isso que eu digo que vocês leram o meu livro porque Mariátegui, e eu cito o caso de Mariátegui, Gramsci, Paulo Freire, ou seja, vejam Mariátegui, militante do Partido Socialista Peruano, Gramsci do Partido Comunista da Itália; Paulo Freire, militante do PT, professor intelectual e militante do PT; e, Enrique Dussel, não era apenas um pesquisador acadêmico, mas também um militante e secretário nacional do Morena. Todos eles tinham uma responsabilidade partidária. Gramsci, Mariátegui, Paulo Freire, Enrique Dussel. Então, sem dúvida. Eu acho que Dussel não está no panteão desses pensadores, mas acho que ele faz parte desse importante bloco de intelectuais que, da teoria, vão para a praxis. A pergunta é muito boa.

[RCJ]

Enrique Dussel pertence à primeira geração de teólogos da libertação latino-americanos. Você acha que essa teologia, como um projeto ético e político, afetou o campo religioso progressista na prática?

[JZ]

Não sou um especialista em teologia da libertação. Entretanto, devido à proximidade que tive com Enrique Dussel e Franz Hinkelammert, aprendi algo. Bem, a teologia da libertação, por ser tão latino-americana, tem uma capacidade de potencial crítico tão grande que eles tiveram que aniquilá-la durante a administração de João Paulo II como Papa no Vaticano, ou seja, João Paulo II tem que ser lembrado porque foi ele quem lutou contra e eliminou a teologia da libertação na América Latina.

A teologia da libertação tinha uma interpretação diferente da tradição cristã, não é mesmo? Ou da tradição que surge da cultura semita. Então, a teologia da libertação é uma escola importante na América Latina que tem uma relação importante de fraternidade

intelectual com a filosofia da libertação. Então, eu não saberia dizer o quanto ela afetou o campo religioso progressista na prática, mas certamente acho que é uma escola que deve ser levada em conta quando falamos de posições críticas de dominação na América Latina.

Em particular, como eu estava dizendo, poderíamos continuar um pouco mais porque, precisamente, com quem aprendi mais sobre essa escola teológica, foi graças aos estudos de Franz Hinkelamert. E com quem, felizmente, tive a oportunidade de ter um relacionamento muito próximo, também como aluno e amigo dele e por causa da proximidade com Enrique Dussel. Foram eles que me apresentaram a esse campo, que não é realmente o meu campo de trabalho. Eu trabalho mais com filosofia moral, com ética e filosofia política, filosofia social, não tanto com teologia. Mas, na verdade, foram eles que me deram as chaves para entender o potencial dessa escola teológica.

#### [RCJ]

Dussel contribuiu para a construção de uma identidade para os povos oprimidos do Sul Global, aqueles cujas vozes foram negadas ao longo da história. Ao mesmo tempo, Dussel tem se esforçado para revelar o projeto de dominação do poder hegemônico europeu-americano. O poder europeu-americano sustenta o sistema mundial do modo de produção capitalista da vida social. É possível pensar em uma aproximação entre os campos do marxismo e do pensamento decolonial? como aconteceu ou pode acontecer?

#### [JZ]

Sim. Muito bom, Muito boa pergunta. Vejamos, primeiro eu gostaria, para esta resposta e para a anterior, gostaria de sugerir a leitura do prólogo escrito por Enrique Dussel para a nova edição das “Metáforas Teológicas de Marx”. E ele o intitula “La crítica de la teología como crítica de la economía”. Então, aqui Dussel mostra exatamente essa relação entre teologia e economia política, mas Dussel também acaba falando sobre pensamento decolonial. Então, parece-me que Enrique Dussel, por exemplo, junto com muitos outros, mostraram como o eurocentrismo de Marx. Mas esse eurocentrismo de Marx não se traduz necessariamente em uma rejeição total das contribuições de Marx. Há posições que quiseram fazer isso, não, mas elas não foram muito bem aceitas. Então, em termos gerais.

Em vez disso, acho que o que aconteceu dessa maneira específica no caso de Enrique Dussel, ou da teoria da dependência, ou de Franz Hinkelammert e muitos outros. Precisamente mostrar que Marx ajudou a pensar a economia mundial desde o Sul Global. Por exemplo a

acumulação originária é algo. A partir daí são geradas outras posições. Por exemplo. Enrique Dussel é o que ele tenta mostrar em suas obras, suas interpretações de Marx. Ou seja, ver o capitalismo a partir do Sul Global, da América Latina. Ver a economia mundial a partir da América Latina. Então, sim, pode haver uma abordagem, mas deve ser muito cuidadoso. Em termos das perguntas de pesquisa que são geradas, como elas são formuladas e os argumentos que elas sustentam.

Esta, por exemplo, Voltando à pergunta anterior que você me fez sobre a teologia da libertação em uma das conversas que tive com ... acho que essa foi a última vez que vi a Franz Hinkelamert na Costa Rica em 2019, se me lembro bem. Lá, Franz Hinkelamert me dizia que muitos estudos atuais da teologia da libertação querem falar sobre descolonização, mas não percebem que a teologia da libertação já é uma teologia descolonial. Em outras palavras, é uma teologia que quer ir além da interpretação europeia ocidental da cultura semita. E o que a teologia da libertação quer fazer é recuperar outra interpretação, uma interpretação além da dominante, da hegemônica. Então, por exemplo, Franz Hinkelammert estava me falando sobre a teologia da libertação, ou seja, a teologia da libertação já é uma teologia descolonial. Eu, talvez diria a teologia da libertação é uma teologia que aspira já ser descolonial desde as suas próprias bases teóricas e conceituais.

E no caso de Marx, sim, podemos falar a respeito. Voltando à última pergunta, se podemos falar sobre uma aproximação nos campos do marxismo, por exemplo, estou me lembrando disso agora, hoje estou pensando que o que não foi feito também entre outras pessoas são, por exemplo, alguns grupos feministas. Que muitas feministas, por exemplo, há grupos de feministas que se denominam feministas marxistas descoloniais, por exemplo. Isso é para se opor ao marxismo branco capitalismo hegemônico. Então, ao marxismo capitalista branco, ou das mulheres brancas, como diriam as companheiras feministas, então colocam o feminismo marxista decolonial. Então, querendo fazer uma articulação do pensamento decolonial com o marxismo... E não que um descarte o outro, pelo contrário, se forem articulados, podem se aprimorar mutuamente.

[RCJ]

Em sua 11<sup>a</sup> tese, que em seu livro é uma das 20 teses políticas, Enrique Dussel busca analisar a categoria do povo como um bloco social dos oprimidos, capaz de abarcar a unidade de diversos movimentos, classes, setores etc. Ao contrário do marxismo clássico, que concentrava a subjetividade revolucionária por excelência na classe trabalhadora, a categoria

do povo, tal como pensada por Dussel, pode continuar sendo um poderoso elemento retórico no trabalho político da esquerda contemporânea? Como podemos refutar a acusação de populismo contra os agentes políticos e pensadores da esquerda que mobilizam essa categoria?

[JZ]

Muito bom. Novamente, uma pergunta muito boa. Uma equipe muito, muito, muito boa. Vejo que Samantha e Natalia se entendem muito bem, então parabéns.

Antes de responder a essa última pergunta, que é muito boa, gostaria de fazer um comentário sobre a teologia da libertação. Veja, não sou especialista, mas as ideias estão surgindo. Estava lembrando esse grande livro que é a “Idolatria do mercado” de Hugo Assman, que na verdade é a versão original, a primeira edição desse livro, que se chama assim, “A idolatria do mercado” em português, ele é publicado no Brasil junto com Hugo Hausmann e Franz Hinkelammert, que chamam de idolatria do mercado. E depois, mais tarde, haverá a publicação em espanhol desse livro aqui, em separado com o de Franz Hinkelammert, que, se bem me lembro, é publicado no mapa do imperador. Agora, esse texto de Hugo Assman me faz lembrar por que a teologia da libertação já é, dizia Hinkelammert, descolonial.

Na verdade, acho que disse isso claramente pelo seguinte motivo: porque a teologia da libertação é uma teologia que tem se oposto à religião de dominação colonial na América Latina. Que tem precisamente a idolatria como um de seus centros. E quem mostrou muito bem essa idolatria foi justamente Hernán Cortés, no México. Viemos aqui por causa do ouro, que em termos críticos religiosos e teológicos é um ídolo e é precisamente o fetichismo da religião. Então, acho que é por isso que você estava me dizendo, Que a teologia da libertação já é descolonial porque se opõe à religião da idolatria. E tudo isso aconteceu porque eu me lembrei desse livro, que é um ótimo livro, que saiu primeiro em português e depois em espanhol. Aqui eu vou me referir a esse livro sobre a idolatria do mercado publicado na Costa Rica. E eu tenho outro do Assman chamado *Economía y religión*.

Um teólogo brasileiro da teologia da libertação. Bem, isso foi um aviso sobre a teologia da libertação. E voltando à pergunta sobre povo, essa é uma pergunta muito boa. E me parece que isso é algo que podemos ver na Filosofia Libertação de Enrique Dussel, é que, precisamente como formula a pergunta, a categoria do povo mostra esse ator coletivo de transformação, que é diferente da classe, a classe trabalhadora, realmente o povo é um ator coletivo que inclui muitos outros mais, desde o comerciante, o professor, os excluídos, aqueles que foram dominados dentro dos sistemas. E de alguma forma de onde Dussel tira isso? De Fidel Castro.

Então, de certa forma, isso é sobre o povo como expressa Dussel, se você quiser, podemos entender isso um pouco a partir de certas categorias de Ernesto Laclau.

Quando Ernesto Laclau diz: "Temos que construir a hegemonia". Bem... o povo, na visão de Dussel, é um ator coletivo, político, construído a partir de uma hegemonia. Ou seja, todos esses grupos diferentes foram afetados pelo sistema hegemônico de dominação. Assim, formamos um bloco e nos opomos a esse sistema de dominação. Na realidade, o que Dussel diz de forma muito conceitual, o povo é uma divisão da sociedade civil. O povo não é a sociedade civil. É uma cisão que se faz da sociedade civil junto com aqueles que foram sistematicamente excluídos do pacto social hegemônico. Então, a partir daí, o povo é formado entre os oprimidos, os excluídos. E é justamente o povo que é o ator coletivo da transformação. É assim que, como a pergunta sugere, virou uma caricatura do povo e do populismo, acho que você tem em mente essa caricatura que vem da direita latino-americana, ou do conservadorismo latino-americano. Nem sempre se diz assim. Hitler sempre chamou o povo. O fascismo fala do povo. Inclusive [Slavoj] Žižek por exemplo em seu diálogo com Laclau um das críticas que faz a Laclau, os fascismos já trabalham com a ideia de povo. Mas aí vem a diferença entre a América Latina e os fascismos na Europa. Os fascismos na Europa convocam o povo a dominar os outros além das fronteiras nacionais de seu estado. No caso da América Latina, o povo é chamado a se libertar das relações de dominação coloniais, racistas e neoliberais. Em outras palavras, uma coisa é convocar o povo para dominá-lo. E outra coisa é convocar o povo a se defenderem, a se libertarem, a dizerem: essa situação é insustentável, temos de fazer algo! E esse é exatamente o processo de transformação.

Assim, o ator coletivo povo é enunciado, chamado, em dois contextos geopolíticos e da mesma forma que o povo, mas em contextos políticos totalmente diferentes. E foi a direita europeia que chamou o povo para dominar, até mesmo para eliminar e exterminar. E no caso da América Latina, quando falamos do povo, estamos falando de um processo de transformação. Não só Fidel Castro disse isso e Enrique Dussel o explicita conceitualmente, mas também, por exemplo, no contexto mexicano, Andrés Manuel López Obrador convoca o povo, não porque foi o povo que possibilitou uma mudança de ética, de regras, uma mudança, uma transformação no sistema político e econômico mexicano. Isso não viria das elites. Além disso, isso também é algo que Ernesto Laclau disse quando ele apresentou, quando ele apresentou essa razão populista, o populismo, se você quiser chamá-lo assim, é uma forma de fazer política que se opõe à forma de fazer política das elites. Para as elites políticas e econômicas, elas são as únicas que podem e sabem fazer política. Então é por isso que elas se



opõem ao povo, porque para eles o povo é estúpido. Ou seja, as pessoas são estúpidas de acordo com eles, evidentemente, pois eles são os únicos portadores para exercer a política. Então é por isso. Voltando ao populismo, se você quiser chamá-lo de populismo. Populismo é isso, essa ação política, é uma forma de fazer política que se distancia, que se opõe à forma de fazer política das elites. Portanto, parece-me que essa é a maneira pela qual Dussel recupera positivamente o conceito de povo, não a categoria de povo como um ator coletivo, isso é realmente importante. E ele também expressa muito bem, ao que me parece, a experiência latino-americana, e não apenas a latino-americana, pois podemos compartilhar com os africanos, por exemplo, também.

### [RCJ]

Agora eu poderia discutir a Transmodernidade formulada por Dussel, bem como o contexto histórico e social no qual ele faz essa formulação e sua validade hoje.

### [JZ]

Algumas perguntas são de nível de doutorado. Vejamos, Dussel, na filosofia da libertação, na primeira edição de 1977, que foi escrita no México. Ele disse: "Não, a filosofia da libertação é pós-moderna". Ele não disse isso na época. Mais tarde, ele corrigirá e dirá que isso é transmoderna. Mas a questão aqui é permanecer no pós-moderno. Dussel já estava pensando que a filosofia que ele queria fazer não era uma filosofia totalmente diferente da moderna ocidental, precisamente por causa do que dissemos sobre a experiência que ele teve de "Não-ser", em suas palavras, isto é, não ser europeu, mas latino-americano; um não ser europeu ocidental da tradição helênica, mas um semita. Então, Dussel já tinha essa, essa experiência e ela já estava se traduzindo em seu trabalho filosófico. E, nesse sentido, quando ele fala, quando ele escreve a filosofia da libertação em 1977, ele já estava pensando que sua filosofia não poderia ser moderna, ocidental, mas outra coisa. Portanto, ele já a chamava de pós-moderna. Não se trata de uma filosofia pós-moderna apenas para dizer que é algo diferente do ocidente moderno. Na verdade, ela é mais influenciada, por exemplo, por Emmanuel Levinas, que foi quem abriu o horizonte filosófico para que ele fizesse uma crítica da ontologia, da ontologia ocidental moderna. Então, nesse sentido, Dussel sempre tentou fazer isso.

Posteriormente na Europa vem uma onda com [Jean-François] Lyotard, de [Gianni] Vattimo, que começaram a falar sobre a condição pós-moderna e a filosofia pós-moderna, que tende ao relativismo e começa a ter uma força muito importante dentro da

filosofia e nos estudos sociais. Então, Enrique Dussel, é quando ele diz não, minha filosofia não é pós-moderna, ela não pode ser pós-moderna. E então Dussel diz que ela é transmoderna. Minha filosofia é transmoderna e aqui é importante dizer por que ela é transmoderna, o conteúdo de transmoderna e, ele diz que é uma filosofia transmoderna porque vai além, transcende os fundamentos da Modernidade. Sim, ela transcende. Transmoderno! Sim, é por isso que a chamam de filosofia transmoderna. E onde fica nítida essa diferenciação entre a filosofia transmoderna e a filosofia pós-moderna dos franceses, italianos, se torna ainda mais clara. Exatamente. Nesse pequeno livro chamado “*Posmodernidad y Transmodernidad. Diálogos com a filosofia de Gianni Vattimo*”. E aqui Enrique Dussel parte com tudo para cima da teoria de Vattimo. E ele realmente mostra como a filosofia pós-moderna de Vattimo é mais moderna do que [Martin] Heidegger. É mais moderna que Hegel. Por que é mais moderna? Porque a filosofia pós-moderna ou o pós-modernismo o que faz é reafirmar os fundamentos da Modernidade. Então, é muito interessante esse tipo de coisa. Como Dussel faz uma crítica muito forte a Vattimo. E precisamente nesse texto que acabei de citar, você pode ver muito bem como é essa crítica à filosofia pós-moderna, e é por isso que Dussel diz bem, não, a minha não é pós-moderna, é uma filosofia transmoderna e isso é precisamente, eu mostro isso bem, me parece... Na minha interpretação e na minha opinião, porque o livro é meu [*Enrique Dussel. Retratos de una filosofía de la liberación*, Barcelona: 2022], no capítulo chamado “*Intermezzo, colonialidad, eurocentrismo y modernidad*”. Aqui eu mostro muito bem por que, e o que está defendendo Dussel e como ele vai criticar Vattimo precisamente.

Agora, a proposta de transmodernidade formulada por Dussel, bem, isso precisamente será um ensaio sobre o qual me pediram para falar e estou preparando um artigo sobre isso, então ai vou expandir esse tema.

Mas, de alguma forma essa pergunta é muito boa, para deixá-la no vácuo e sem respondê-la concretamente. A Transmodernidade é um momento histórico que vai além e transcende a Modernidade. Ou seja, é um projeto histórico que se impulsiona politicamente e o qual precisamente tem características diferenciadas, claramente diferentes daquelas da Modernidade colonial. É por isso que, com a Transmodernidade, também... É necessário falar, por exemplo, do diálogo Sul-Sul. Ou seja, há um diálogo que foi estabelecido entre o Norte e o Sul. Mas para Dussel, o diálogo na Transmodernidade é um momento em que vai haver um diálogo entre culturas, vai haver respeito entre culturas. E para Enrique Dussel, o primeiro diálogo que deve ser gerado é o diálogo Sul-Sul. O diálogo entre a América Latina, a África e o Oriente Médio. Isto que é precisamente o que diria Dussel como o “nada do mundo colonial”.

Portanto, é a exterioridade do mundo colonial. É precisamente a partir daí, essa transformação de uma nova civilização é gerada. A Transmodernidade também está associada a isso, não a uma nova civilização. É o que transcende as relações ocidentais modernas entre as pessoas. Como diria Bolívar Echeverría, o egoísmo do capitalismo é uma das atualizações hegemônicas dessa Modernidade. Então ele está transcendendo a essa Modernidade dominante.

Agora, então, eu aproveito a pergunta, porque acabei de voltar em dezembro (2023), em dezembro estive em Seattle e dialoguei com vários colegas dos Estados Unidos, da Alemanha, que estão intimamente ligados à Escola de Frankfurt.

E lá, por exemplo, isso foi muito comentado, a questão é que isso se deve ao fato de o Sul Global ser muito relativo. Porque na Alemanha também há pobreza, nos Estados Unidos também há pobreza. E eu me opus a essa posição e disse: bem, quero dizer, se vamos dizer sociologicamente que Nova Iorque também é o Sul Global, então não entendo nada. Todas as fronteiras vão se perder. Não podemos dizer por que em Bruxelas pode haver pessoas que se aproximem de você para pedir uma moeda e você vai dizer “Ah, não, em Bruxelas também é o Sul Global!. Não! Em outras palavras, aqui está muito claro o que é o Sul Global. E, de fato, vamos deixar um pouco de lado até mesmo a filosofia da libertação, a teoria da dependência. Vamos deixar essa tradição, essa tradição latinoamericana e, por exemplo, podemos nos referir a um trabalho publicado pelo economista ganhador do Prêmio Nobel de Economia, Joseph Stiglitz. Em 2017 ele publica, depois de 15 anos, uma segunda edição do livro que ele intitulou “A globalização e seu descontentamento - antiglobalização na era de Donald Trump”. E, por exemplo, esse ganhador do Prêmio Nobel de Economia ele identifica muito bem o Sul Global. E, para ele, isso é muito claro. Para ele, econômica e sociologicamente, é muito claro o que é o sul. Um exemplo da organização geopolítica do Sul Global é o BRICS. Não é o Fundo Monetário ou o Banco Mundial. Mas o BRICS. E é assim que Joseph Stiglitz os chama categoricamente. São uma organização do Sul Global. Onde foram gerados os maiores estragos da globalização neoliberal, eu acrescentaria, É no Sul Global!

Portanto, se vocês não querem acreditar em Dussel ou Hinkelammert ou na teoria da dependência, então quem diz isso é Joseph Stiglitz. E se você não acredita em Joseph Stiglitz ou na teoria da dependência, nem a Dussel ou Hinkelammert, então faça outra coisa; não faça teoria nem trabalho conceitual. Portanto, o Sul Global é importante em toda a história da Modernidade, que, a propósito, não é algo arbitrário. Em outras palavras, ele tem todo um conteúdo político, econômico, social e histórico e a dominação colonial para falar sobre o Sul Global.

[RCJ]

A crítica de Dussel à Pós-Modernidade situa-se na exterioridade à Modernidade hegemônica europeia-americana. Ou seja, a transculturalidade excluída pela modernidade como necessária para a sobrevivência futura dos seres humanos e da natureza. Em sua opinião, é o transmodernidade que supera as limitações políticas e econômicas impostas pela Modernidade e pela Pós-Modernidade. Ela realmente representa o futuro da realização humana?

[JZ]

Sim, é isso que eu estava dizendo que a Transmodernidade é precisamente esse estágio histórico, esse estágio em que fomos além como, como culturas, esse mundo, precisamente as bases de dominação da Modernidade. Então, quando falamos sobre a natureza, é claro que quando falamos, por exemplo, sobre uma economia trans-moderna, é precisamente uma economia que respeita os seres humanos e a natureza, como dissemos em muitos trabalhos escritos, muitos colegas e nós já dissemos para exemplificar esse transmoderno, porque é precisamente a economia transmoderna tem respeito pela natureza e pelos seres humanos. Por que isso acontece? Porque a economia capitalista, o modelo capitalista que surge na Modernidade, surge com base na dominação sistemática do trabalhador e da natureza, como Marx deixou claro no primeiro volume de O Capital e, como Franz Hinkelammert citou isso constantemente. Nessa famosa citação de Marx, onde ele diz que as relações capitalistas de produção foram capazes de desenvolver tecnologia minando tanto o trabalhador quanto a natureza. Então, como um modelo econômico moderno em uma economia trans-moderna, devemos transcender essas relações de dominação e exploração dos seres humanos e da natureza.

E, justamente um esforço importante nessa linha, é em direção a uma economia para a vida que Franz Hinkelammert escreve com Henry Mora; outro esforço, é claro, são as *16 tesis sobre economia política* escritas por Enrique Dussel. E há muitos outros teóricos que contribuíram nesse sentido. Hoje em dia, fala-se, por exemplo, de uma forte tradição do marxismo ecológico, por exemplo, cuja, fonte importante dessa tendência marxista é o trabalho, é a tese de doutorado escrita por Alfred Schmitt, aluno da Escola de Frankfurt da primeira geração de Frankfurt, e o livro se chama “O conceito de natureza em Marx”. Esse livro, que, pelo que me lembro, é a tese de doutorado de Alfred Schmitt, esse é um dos trabalhos teóricos marxistas mais importantes dessa escola que hoje é conhecida como marxismo ecológico. Portanto, há muitos esforços Quero dizer, há muitos esforços.

[RCJ]

Agora, em sua opinião, qual é o legado da vida e do trabalho de Dussel para as lutas insurgentes na América Latina no nível da sociedade em geral e no nível universitário?

[JZ]

Por exemplo, em nível universitário, acho que Dussel, se há uma coisa em que ele insistiu, é que os currículos das profissões são muito eurocêntricos. Por exemplo, hoje em dia, na filosofia, ainda se afirma que a filosofia surgiu na Grécia por um milagre. Quer dizer, é o máximo, como se outras culturas não tivessem pensamento abstrato. Então é isso que encontramos hoje. Por exemplo, também podemos ver isso em outras disciplinas. Essa educação, conhecida como Paideia, nasceu na Grécia. E as outras culturas? Elas não se educavam? como diria Eduardo Galeano, eles só observavam o que estavam fazendo. Bem, não, obviamente. Os currículos de nossas universidades ainda são muito eurocêntricos. É uma tendência dominante muito forte e, bem, precisamos de mais e mais pessoas treinadas sob outros princípios e critérios para podermos lutar na definição de currículos, programas de estudo e planos de estudo etc. Portanto, na esfera universitária, eu diria que o legado de Enrique Dussel foi justamente insistir para que ultrapássemos esse eurocentrismo nos currículos.

No caso do México... Eu faria um pouco mais, tudo um pouco além da esfera universitária, porque até mesmo Enrique Dussel e outros especialistas participaram na formação do novo currículo que surgiu com o governo de López Obrador, de Andrés Manuel López Obrador, no projeto conhecido como Nova Escola Mexicana. E nesse projeto, o tema decolonial está presente, o tema do feminismo e do respeito às mulheres, o respeito aos povos indígenas está muito presente. É também uma parte importante da descolonização da América Latina. Para acabar com o que Pablo González Casanova chamou de “colonialismo interno”, que é precisamente o colonialismo no qual historicamente tivemos os povos nativos na América Latina, bem como as comunidades afro-latino-americanas.

Portanto, na realidade, Enrique Dussel e esse grupo de especialistas tiveram e puderam contribuir com algo para esse novo currículo. Não é para universidades, é para crianças, para crianças, para adolescentes. É para a educação básica. Então, acho que no México eles estão indo mais rápido nesse sentido do que nas universidades. Agora, se a pergunta for especificamente sobre o ambiente universitário, eu diria isso... O legado de Enrique Dussel é justamente o fato de que é possível construir outros currículos que não sejam mais eurocêntricos. Então, nesse sentido, todo o trabalho histórico que ele fez sobre isso, sobre a

América Latina e o Sul Global, torna-se relevante. No caso da América Latina, bem, eu certamente o recomendaria esse trabalho [“El pensamiento filosófico latino-americano, del Caribe y ‘latino’ (1300-2000) História, Corrientes, Temas, Filósofos”] que é muito útil para pensar em outros tipos de projetos educacionais desse tipo em nível universitário.

Por exemplo, no caso da economia, para dar outro exemplo, a teoria da dependência não é objeto de estudo nas universidades e que assim seja por exemplo, a economia neoclássica do neoliberalismo. Bem, esse é exatamente um exemplo do que Dussel diria que não deveríamos falar. Temos que estudar a teoria da dependência, não é mesmo? Que é uma teoria que surgiu da experiência latinoamericana e não do neoliberalismo que é justamente a experiência de dominação global dos Estados Unidos e Inglaterra. Então, o que estamos fazendo? O que estamos ensinando aos jovens? Então, podemos dar exemplos na educação, na economia, na filosofia etc. Já dei três exemplos e podemos encontrar muitos outros.

E então, Enrique Dussel e o legado para as lutas insurgentes na América Latina, bem, isso é importante. Não sei como poderia ampliar essa explicação, mas o fato de que muitos militantes de esquerda na América Latina têm um carinho forte e uma consideração e um apreço muito fortes pela filosofia de Enrique Dussel dizem muito sobre o impacto que ele teve nas lutas insurgentes na América Latina. Isso, como eu estava dizendo. Dussel era um participante regular do Fórum de Porto Alegre, ele tinha um relacionamento com Hugo Chávez, por exemplo. O próprio Dussel foi um dos vencedores dos prêmios de pensamento crítico latino-americano organizados pelo Ministério da Cultura da Venezuela. E foi justamente lá que Enrique Dussel teve a oportunidade de ter um diálogo direto com Chávez.

No México, muitos ativistas de base do Movimento de Regeneração Nacional (MORENA) têm um apreço muito grande por Enrique Dussel. Portanto, a pergunta não sei o quanto poderia respondê-la. A forma que poderia responder seria perguntar a esses militantes de esquerda na América Latina e percebendo o apreço que eles tinham pelo trabalho de Enrique Dussel, é como eles podemos dimensionar com precisão o legado de Enrique Dussel nessas lutas insurgentes.

[RCJ]

Gostaria de acrescentar algo?

[JZ]

Não. Vamos agradecer a você, Natalia... Minhas últimas palavras seriam para agradecer a você e à Samantha e parabenizá-los pelo ótimo trabalho que fizeram. Foi uma ótima entrevista. Realmente é. Todas as perguntas são muito boas. Tão boas que cada uma delas é uma tese de doutorado, no mínimo, uma tese de mestrado. No mínimo de mestrado. Espero que mais tarde tenhamos a oportunidade de responder a cada uma dessas perguntas em detalhes. Tentei ser breve para uma entrevista, mas certamente responder a apenas uma dessas perguntas pode nos levar a uma tese de mestrado, um doutorado ou um seminário de um semestre. Portanto, apenas parabenezo-o por essa bela entrevista, foi muito boa.

[RCJ]

Estamos muito satisfeitos. Muito obrigado por compartilhar todo o seu conhecimento para prestar homenagem a Enrique Dussel.

- - -

#### COMO CITAR ESTE TEXTO:

ZÚÑIGA, Jorge. Vida, obra e legado de Enrique Dusse: entrevista com Jorge Zúñiga. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, vol. 10, n. 27, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.

ZÚÑIGA, Jorge. Vida, obra e legado de Enrique Dusse: entrevista com Jorge Zúñiga. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, vol. 10, n. 27, 2023. Available for access: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.

ZÚÑIGA, Jorge. Vida, obra e legado de Enrique Dusse: entrevista com Jorge Zúñiga. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói/RJ, vol. 10, n. 27, 2023. Disponible en: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/>>.